

*Chiclete com banana  
e com bacalhau:*

*o rock nos dois  
lados do Atlântico*



Capa do LP *Mestre*, da banda Petrus Castrus, 1973, fotografia (detalhe).

### *Adalberto Paranhos*

Mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Instituto de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-graduação em História e em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor visitante da Universidade de Lisboa (UL). Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2016. akparanhos@uol.com.br

## Chiclete com banana e com bacalhau: o rock nos dois lados do Atlântico\*

Chewing gum with banana and with codfish: rock n roll on both sides of the Atlantic

*Adalberto Paranhos*

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *Rock cá, rock lá: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa – 1970/1985*. São Paulo: Intermeios/Fapesp (no prelo).



*Roqueiro brasileiro*

*Sempre teve cara de bandido*

[...]

*Guerrilheiro*

*Forasteiro*

*Orra, meu!!!*

“Orra, meu”, Rita Lee, 1980

“A vida vem em ondas, como o mar”, já escreveu, com a mão de poeta, Vinicius de Moraes em “Dia da criação”. O *rock*, no entanto, foi mais do que uma onda que arreventou em praias de todas as latitudes e longitudes. Verdadeiro tsunami, ele – especialmente a partir de meados dos anos 1950 – derrubou tradições, por mais que, dialeticamente, também se alimentasse delas, num movimento como que antropofágico.

Com o *rock*, o chão, literalmente, em certos casos, estremeceu. As pedras rolaram e muita coisa saiu fora da ordem, fora da velha ordem musical.

Seu poder de atração foi notado em múltiplas frentes e ganhou terreno até na academia. Eis aqui mais uma entre as inúmeras provas disponíveis sobre esse feito. Dublê de roqueiro e historiador, Paulo Gustavo da Encarnação se rendeu ao balanço do *rock* e, em sintonia fina com a sua história, calibrou seu foco de pesquisa em torno desse rebento de muitos pais. Nesse percurso, porém, ele evidenciou seu louvável interesse em transitar por uma ponte transatlântica, no embalo da exploração dos veios abertos pelo *rock* cá (no Brasil) e lá (em Portugal), ao longo da década de 1970 e parte dos anos 1980. Chiclete, banana e bacalhau (ou seriam tremoços?) são mergulhados nesse caldeirão sonoro, traçando um itinerário incomum aos estudos do ramo.

Tal aventura, bem-sucedida, envolveu uma investigação de fôlego, à altura das expectativas que cercam a elaboração de uma tese de doutorado. O negro gato Luiz Melodia proclamou em “O sangue não nega” (dele e de Ricardo Augusto, 1983) que “em minhas veias corre sangue a batucar”. Em se tratando de Paulo Gustavo, uma overdose de *rock* congestionou as suas veias. Suas relações íntimas com esse gênero vêm de muito tempo (nem tanto, para ser mais rigoroso, se considerarmos que estamos diante de um jovem doutor). Durante seu mestrado, ele pôde se beneficiar de bolsa do

\* Prefácio de livro cujo lançamento está previsto para o primeiro semestre de 2018.

CNPq para tocar sua dissertação “*Brasil, mostra a tua cara*”: *rock nacional, mídia e a redemocratização política (1982-1989)*. No doutorado, usufrui de bolsa da Fapesp, que, agora, empresta sua chancela à edição desta obra, o que por si só constitui um atestado de qualidade. Na condição de doutorando, aliás, Paulo Gustavo foi contemplado igualmente com a Bepe (Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior), que lhe facultou desenvolver uma série de atividades correlatas à sua pesquisa na Universidade Nova de Lisboa e garimpar documentos em importantes acervos de Portugal, como a Biblioteca Nacional de Lisboa.

Este livro se inscreve, de forma inovadora, no campo da História Cultural. Para cumprir seu propósito, o autor, rescaldado por sua investigação nos dois lados do Atlântico, lança mão da História Comparada, sob inspiração de Marc Bloch. Ao direcionar o olhar para o *rock* brasileiro e lusitano, ele busca, no rastro do historiador francês, capturar as semelhanças e dessemelhanças dessa manifestação musical nos dois países, no período recortado, em meio ao processo de crise agônica das ditaduras que os atingiam e aos anos subsequentes de “redemocratização”. Dispensável ressaltar o quanto esse esforço pautado por um estudo comparativo do *rock* falado em português reúne, já de partida, os méritos do ineditismo. Advém daí, sem a menor dúvida, sua contribuição para o avanço do conhecimento na área. Afinal, felizmente lá se vão os tempos em que, para assegurar a entrada de temas “impertinentes” em ambientes intelectuais “sérios”, era necessário – como o fez o historiador marxista Eric Hobsbawm, em 1959, que, na primeira edição de *História social do jazz*, se passou por Francis Newton – recorrer a pseudônimos, biombos autorais numa época em que nem sequer o *jazz* (que dizer, então, do *rock*!) era tido e havido como digno de se converter em objeto de investigação científica.

Nos seus desdobramentos, a ousadia do projeto implementado guarda relação direta com as fontes das quais se vale. Em boa hora, Paulo Gustavo da Encarnação envereda por um caminho diferente daquele que se está acostumado a trilhar. A base empírica do seu trabalho, alicerçada tanto em terras brasileiras como d’além mar, se calca sobretudo na imprensa. Isso é um traço marcante e distintivo desta obra. Para tanto ele revisita, ano a ano, entre outros, *O Estado de S. Paulo*, *a Folha de S. Paulo*, *o Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Veja*, no front nacional, e *o Diário de Notícias*, *o Diário Popular* e *o Mundo da Canção*, de Portugal. Por essa via, Paulo Gustavo entrecruza história, meios de comunicação e música popular. Um velho tema, o *rock*, é retomado por um ângulo diferenciado, tendo como mote as lentes da mídia.

Quem ainda cultiva o bom hábito de mexer e remexer as gôndolas ou prateleiras das livrarias, se se ativer às seções de música e, em particular, de *rock*, terá a oportunidade de constatar que, de longe, predominam sobre o assunto livros de caráter jornalístico, recheados frequentemente de biografias autorizadas ou não. Paulo Gustavo não firma, aqui, pacto algum com o lugar-comum. Nisso, certamente, pesou seu vínculo com o grupo de pesquisa sobre História & Mídia, liderado pelo Prof. Dr. Áureo Busetto. Figura de larga experiência e envergadura intelectual no trato de questões relativas aos meios de comunicação impressos e audiovisuais, ele acompanhou de perto e orientou o autor durante toda a sua trajetória no Programa de Pós-graduação em História da Unesp de Assis. É chegado o momento, portanto, da colheita dos frutos de uma parceria que vingou. Copiosa documentação é mobilizada pelo historiador, mesmo que, aqui e ali, ele se mostre parcimonioso na tarefa de criticar o documento ou de

amplificar as análises a partir do seu *corpus* documental. Seja como for, o pesquisador nos coloca frente a frente com um trabalho original, que, de resto, se serviu de fecunda bibliografia nacional e internacional e foi exposto de modo convincente.

Ao recontar parte da história do *rock* filtrada pelos olhos da mídia, Paulo Gustavo relembra seus percalços e sua consagração. Pudera! Muitos obstáculos precisaram ser saltados até que ele se afirmasse mundo afora. Um deles, que não deve ser subestimado, se situava portas adentro dos sacrossantos lares das boas famílias, em cenas explícitas de conflitos de gerações. Neste ponto, permitam-me abrir um parêntese. Tomando de empréstimo as palavras de Chico Buarque e deslocando-as do eixo sobre o qual se assentam e do contexto específico em que emergiram, era como se o *rock* dissesse, provocativamente, em alto e bom som: “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta” (“Jorge Maravilha”, 1974, de Julinho de Adelaide, heterônimo do roqueiro bissexto Chico Buarque, que assim driblou a vigilância ditatorial da censura que recaía sobre ele).

Uma roqueira, essa, sim, de carteirinha, Rita Lee, derramou sua ácida ironia ao reportar-se a tal situação, ela que, numa composição a quatro mãos com Paulo Coelho (“Esse tal de Roque Enrow”, de 1975), zomba da mãe que corre ao médico à procura de auxílio para a cura da doença que afetou a filha, que “agora está vivendo com esse tal de... Roque Enrow”. Pior é que “Ela não quer ser tratada, doutor/ E não pensa no futuro/ E minha filha está solteira, doutor/ Ela agora está lá na sala/ Com esse tal de Roque Enrow”. Por essas e outras, Rita Lee, em outro *rock* de 1975, “Ovelha negra”, de sua autoria, recria com o Tutti Frutti uma cena tragicômica sobre a incompreensão paterna ante a explosão do *rock*, que não cessava de angariar mais e mais adeptos: “Foi quando meu pai me disse/ ‘Filha, você é a ovelha negra da família/ Agora é hora de você assumir/ E sumir!’”. Parêntese fechado, isso dá conta, como frisa Paulo Gustavo, de que, com a espiral de críticas que tentavam tolher a expansão do *rock*, a família – ao lado de outras instituições da sociedade civil – exerceu seu papel de censura, que, por sinal, não pode, de forma simplista e ingênua, ser reduzida à ação censória estatal. O *rock* incomodava muita gente e tornou-se o estopim de inflamadas manifestações de inconformismo.

De toda maneira, essa avalanche musical seguiu adiante, sem que fosse possível engessá-lo ou limitá-lo a um padrão apenas. Ele, como salientam os jornalistas Arthur Dapieve e Luiz Henrique Romanholli, é fruto de “várias fomes e de várias vontades de comer”. Bebeu em fontes impuras, sendo produto de uma miscigenação cultural. Diversos afluentes desembocaram nesse rio caudaloso que é o *rock*. Surgido como *rock ‘n’ roll*, no tempo do *rockabilly*, ele se nutriu principalmente do *rhythm ‘n’ blues*, de ascendência negra, e da *country music*, de origem branca, que remetem ao mundo rural. No seu desenvolvimento, adquiriu rostos distintos e de contornos fluidos, fundiu materiais variados e se despreendeu do seu nome de batismo (*rock ‘n’ roll*) para passar a denominar-se simplesmente *rock*, fosse qual fosse o subgênero a que se filiasse. Nesse aspecto, Paulo Gustavo não incide no erro, ainda comum em determinados estudos, de confundir uma coisa (*rock ‘n’ roll*) com outra (*rock*). No Brasil, com o decorrer dos anos, ele foi chamado, às vezes com sentido depreciativo, de róqui ou, numa outra perspectiva, de BRock, por alusão à volumosa onda de *rock* “brazuca” ou “tupiniquim” que estourou nas paradas de sucesso na década de 1980.

Ciente de que o *rock* exprime um jogo dialético entre o uno e o di-

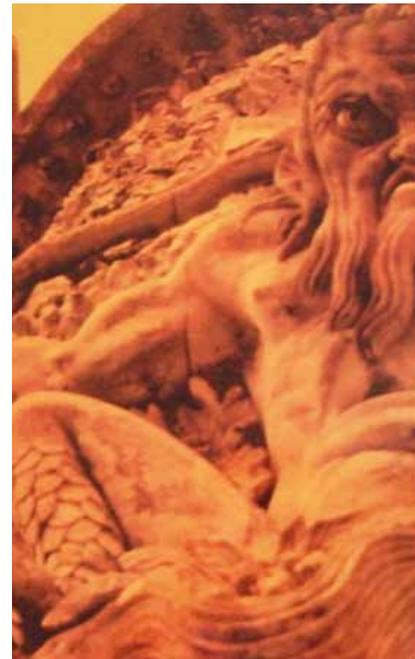


verso, Paulo Gustavo da Encarnação ancora parcialmente suas reflexões em Roy Shuker, para quem esse gênero musical abarca um amplo espectro de estilos. E incorpora também contribuições de Simon Frith, que, corretamente, nos adverte que a etiquetagem e a rotulação é um procedimento ou convenção inerente à cultura de massa. Nesse processo, aliás, intervêm múltiplos sujeitos, que vão de músicos, fãs, a agentes das empresas fonográficas e da indústria cultural, entre os quais os *disc jockeys*. Tudo isso, diga-se de passagem, se afina com as operações classificatórias que, como já enfatiza Roger Chartier, se encontram no coração da História Cultural e, mais, nos colocam, em última análise, na rota das representações, como nos ensina Pierre Bourdieu.

As etiquetas e rótulos colados ao *rock* dão vazão, de todo modo, à coexistência de um sem-número de estilos ou de subgêneros. Pinçando alguns deles, meio que ao acaso, deparamo-nos, ao longo da vida desse “sessentão”, com uma realidade que sugere que ele divide uma casa de muitos cômodos: *soft rock*, *hard rock*, *heavy metal*, *glam rock* (ou *glitter rock*), *punk rock*, *rock progressivo*, *folk rock*, *blues rock*, *jazz rock*, *new wave*, *hardcore*, *rock alternativo*, *surf music*, *garage rock*, *rock psicodélico*, *pós-punk*, *power rock*, *glam metal*, *grunge*, *britpop*, *indie rock*, *riot grrrl* e por aí por diante, para nos fixarmos acima de tudo nas faces mutantes do *rock* do século XX. Mais do que nunca, ao mirarmos esse superpoliedro sonoro, somos como que obrigados, como recomenda Mikhail Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, a renunciar a uns tantos hábitos monológicos na tentativa de compreender o universo artístico. Polissêmico por formação e desenvolvimento, o *rock* é, sobretudo, um gênero musical multigênero, multiforme. E, nessa linha, a constelação de sentidos que o envolveu é igualmente múltipla. Ora ele foi associado a crimes, violências de toda ordem e outros estigmas e preconceitos sociais; ora foi concebido como rentável item de entretenimento da indústria do lazer capitalista; ora foi visto, por vezes sob uma ótica até certo ponto idealizada, como dotado de um potencial disruptivo ou subversivo.

No período privilegiado pelo estudo de Paulo Gustavo, o *rock*, como se verifica nos relatos contidos na mídia, chegou, com frequência impressionante, a ser execrado como uma espécie de música demoníaca, pura encarnação do mal (sem pretender, aqui, fazer qualquer trocadilho com o sobrenome do autor deste livro). O fato de, desde os anos 1950, se converter na forma preferencial de expressão (incluídas a dança e as vestimentas dos roqueiros) de parcelas crescentes da juventude foi o gatilho que disparou reações que, no intuito de refrear seu ímpeto, visaram abatê-lo em pleno voo.

Ele pagou um alto preço por sua “insolência” e por ser a chave-mestra que, de uma maneira ou de outra, abriu mil e uma portas para a canalização de insatisfações de todo tipo. Cuspiram desaforos e mais desaforos contra o *rock*. Choveram imprecações vinculando-o a uma tríade sinistra: banditismo, violência e morte, como se esse “consórcio maligno” fosse algo natural, essencial à natureza do *rock*. Cabeludos, por estas bandas, ou guedelhudos, no linguajar dos lusos, viraram praticamente sinônimos de bandidos ou de adeptos de um *rock* bandido, como documenta fartamente *Rock cá, rock lá*. E esses agentes perturbadores da ordem foram até amaldiçoados por lesarem a economia dos países pelos quais sua música se propagava: alegou-se que, com a estridência de suas guitarras e a agitação causada pelos seus festivais, “as galinhas deixavam de pôr ovos”, enquanto “as vacas não davam leite”. Nesse contexto, em Portugal foi estampada



na imprensa a notícia de que Salazar, em pessoa, na sua ira contra os gue-delhudos, teria afirmado que somente admitiria a presença dos Beatles na “terrinha” se eles cortassem as guedelhas...

No Brasil, por exemplo, Raul Seixas, um dos ícones do *rock* – que, em plena década de 1950, transformou o *rockabilly* em sua segunda pele –, viu-se na contingência de quebrar resistências para impor-se como um cultor do gênero. Ao remoer suas lembranças, transpostas inclusive para composições como “Rock and roll” (dele e de Marcelo Nova, 1989), Raulzito reverencia seus ídolos Little Richard, Chuck Berry, Elvis Presley e Jerry Lee Lewis, sem esquecer de suas ligações atávicas com o Nordeste brasileiro, corporificadas em Genival Lacerda. Narra, então, seus desencontros sociais com o pessoal da Bossa Nova (“Bosta nova pra universitário, gente fina, intelectual”) em Salvador. Ele estava longe de curtir esse tipo de criação musical sofisticada e se confessava incapaz de tocar seus acordes dissonantes que empolgavam outros segmentos da juventude, muitas vezes refratários à produção roqueira. Por isso, ao sair em defesa do som que abalava o popular Cine Roma (e, nas suas palavras, da “gentinha” que se sintonizava com o *rock*), Raul Seixas deixava escorrer seu desprezo por tudo aquilo que simbolizava o chique e o bom-tom e que era acolhido no palco privilegiado do Teatro Vila Velha.

Nos seus tempos “heróicos”, o *rock*, decididamente, não pisava sobre terra firme, devidamente sedimentada. Antes, escorava-se num terreno de areias movediças que mais se assemelhava a um campo de lutas. E é nesse cenário, em que se travavam batalhas de toda espécie, que Paulo Gustavo da Encarnação identifica relações contraditórias mantidas entre o *rock* e a política, sem que esta seja segregada exclusivamente ao plano institucional. Pelo contrário, *Rock cá, rock lá* reconhece a porosidade dos domínios da política ou, em termos foucaultianos, sua capilaridade. Seguindo nessa linha, seria cabível atentar ainda para o significado político dos discursos nus de palavras presentes nos arranjos, na sonoridade, na formatação timbrística e na própria *performance* ou modo de ocupação da boca da cena nas apresentações ao vivo das bandas de *rock*. Todos esses elementos são, enfim, produtores de sentido.

Ao ir além das balizas tradicionais da política, Paulo Gustavo realça, entretanto, que um dos traços políticos marcantes do *rock* é observável na “sensualidade de sua dança”. Isso equivale, complemento, a admitir, com Roland Barthes em *O sistema da moda*, o corpo como linguagem ou como expressão semiótica. Afinal, os anos 1970, como destaca o autor de *Rock cá, rock lá*, funcionaram como motor de combustão de políticas do corpo não hegemônicas, evidenciadas, por exemplo, na entrada em cena de Ney Matogrosso e Secos & Molhados, que nos reconduziram, em parte, à época de “Elvis, o pélvis”, com seus trejeitos que suscitaram indignação. Essa é a década, acrescento, dos Dzi Croquettes, um marco na consolidação de uma estética *glitter*, que, nos meios roqueiros, se exprime pela via do *glam rock* (abreviação de *glamour rock*), representado, entre outros, por Edy Star nestes trópicos.

Independentemente disso, num ou noutro caso, a macropolítica foi também objeto da atenção dos praticantes do *rock*. A ditadura portuguesa ficou, sob vários aspectos, sob a alça de mira da revista *Mundo da Canção*. Nela concedeu-se espaço para a veiculação do que contrapunha a música ali valorizada (notadamente o *rock*) e o regime salazarista. Sem me permitir idealizações, não se pense, contudo que as relações entre *rock* e política

institucional fossem unidirecionais. Nelas misturaram-se águas de muitos potes. Como assinalou Paulo Gustavo, ao citar, nas primeiras páginas de seu livro, uma notável passagem de um texto assinado pela jornalista Ana Maria Bahiana, o *rock* não raramente revelou sua face preconceituosa, racista, machista e imperialista. Atualizando as referências, bastaria mencionar hoje os roqueiros Roger e Lobão, dois furibundos direitistas que, como se vivêssemos o auge da guerra fria, se põem a farejar comunistas infiltrados na sociedade brasileira.

Por essas e outras razões, *Rock cá, rock lá* nos fornece uma base segura para nos vacinarmos contra os extremos de determinadas análises. O *rock*, repito, não é um, é muitos. Múltiplo, a sua multiplicidade se faz sentir igualmente no seu posicionamento político. Desde suas origens, ele, dessa ou daquela maneira, se atrelou à rede da indústria capitalista do entretenimento. Mas será que tal constatação justifica a afirmação do sociólogo e crítico musical Simon Frith, segundo o qual “o *rock* é música capitalista”, que “não desafia o sistema, mas o reflete e o ilumina”? Ou, virando o compasso para o lado oposto, será ele, como sustenta o historiador e aficcionado do *rock* Nicolau Sevcenko, “uma energia subversiva, que deve ser combatida”, dado o seu teor “libertador”?

Outro mérito deste trabalho consiste em adentrar o mundo das canções, acentuando, com propriedade, o seu caráter de produção coletiva. Nisso, diria, ele se conecta com as reflexões de Michel Foucault sobre o que é o autor e ainda se conecta com as contribuições de Mikhail Bakhtin a respeito da noção de dialogismo como uma ponte linguística que nos enreda, seja consciente seja inconscientemente, a toda uma cadeia autoral. Isso sem falar de mais um ponto a favor do autor, que assimilou bem a lição de que o universo cancional não deve ser restringido à sua dimensão literal, como se pudéssemos nos ocupar dele recorrendo apenas ou fundamentalmente às letras das canções, esvaziando-as de sonoridade.

Paro por aqui para não adiar, por mais uns instantes, o encontro do leitor com *Rock cá, rock lá*. Deixo-o na agradável companhia de Paulo Gustavo da Encarnação. Se me cobrassem, por fim, mais informações sobre quem é ele, esclareceria que o autor dá os seus primeiros passos na carreira acadêmica, embora já tenha passagem como docente por instituições de ensino de nível superior, em especial pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Assis, onde atuou como professor substituto. Quanto à sua fatura bibliográfica, ele, apesar de recém-doutorado em História, escreveu artigos para vários periódicos, um deles, em 2015, para um dossiê sobre História & *Rock*, na *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, que contou com a participação de destacados pesquisadores nacionais e internacionais. Como se vê, a energia propulsora do *rock* contagia também sua vivência acadêmica. Publicar um livro pela Intermeios, em coedição com a Fapesp, significa algo da maior importância no coroamento desse processo inicial de sua formação. Paulo Gustavo, numa palavra, é recebido, com todas as honras do estilo, numa casa editorial que vem lançando obras que privilegiam os enlaces entre História e música popular. E ele se sente à vontade para abordar aquilo que impregna a sua existência: o *rock*, essa roda dos ventos que gira em diferentes direções, entre as quais o Norte e o Sul do Atlântico.

*Texto recebido e aprovado em dezembro de 2017.*